

FIGURAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E INDIVÍDUO-SOCIEDADE NO PENSAMENTO DE NORBERT ELIAS

Fabício Roberto Costa Oliveira ¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar potencialidades de três conceitos principais de Norbert Elias: figuração, interdependência e indivíduo-sociedade. Estes conceitos estão relacionados e são fundamentais para a compreensão das formas de análise da sociedade sob a perspectiva teórica de Norbert Elias. Este trabalho se baseou na leitura de suas principais obras e em análises sobre a produção do autor. As concepções de Elias nos levam a pensar que seria preciso refletir melhor sobre forças sociais, que são exercidas pelas pessoas sobre outras e sobre si mesmas, e que esta é uma condição fundamental para nos entendermos melhor como sociedade.

Palavras-chave: Teoria sociológica; Pensamento eliasiano; Relações sociais.

FIGURE, INTERDEPENDENCE AND INDIVIDUAL-SOCIETY THE NORBERT ELIAS' THOUGH

Abstract

This article aims to present the potential of three main concepts of Norbert Elias: figuration, interdependence and individual-society. These concepts are related and are fundamental for the understanding of the forms of analysis of society from the theoretical perspective of Norbert Elias. This work was based on reading his main works and analyzing the author's production. Elias' conceptions lead us to think that it would be necessary to reflect better on social forces, which are exercised by people on others and on themselves, and that this is a fundamental condition for us to better understand ourselves as a society.

Keywords: Sociological theory; Eliasian thought; Social relationships.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar as potencialidades dos conceitos de figuração, interdependência e indivíduo-sociedade na obra de Norbert Elias, a partir da leitura analítica das principais publicações do autor. Nosso estudo indica

¹Doutor em ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: frcoliveira@yahoo.com.br



que estes conceitos são interrelacionados e fundamentais para a compreensão dos pressupostos teóricos de Norbert Elias, cuja ênfase é a necessidade de reflexões cuidadosas sobre as relações entre indivíduo e sociedade. Assim, este trabalho objetiva apresentar aos interessados pela teoria social de Norbert Elias, algumas perspectivas analíticas que contribui para a compreensão das potencialidades do pensamento eliasiano.

Um dos principais propósitos de Norbert Elias foi promover uma aproximação da sociologia, da antropologia e da ciência política entre si e buscar o diálogo destas ciências sociais com a psicologia, a economia, a história, entre outras; tendo como meta a promoção de uma abordagem interdisciplinar da vida social. Essa abordagem é instigante pela forma inovadora com que o estudioso a opera em suas análises, uma vez que consegue incorporar diversas áreas do conhecimento, sendo, ao mesmo tempo, profundo e didático. Para Miceli (2001) este seria um dos motivos que explica o crescente interesse na obra de Elias. Isto porque, como analisa o autor, o sociólogo alemão consegue introduzir “[...] reflexões sobre a agenda clássica de desafios teóricos em sociologia sem apelar a formalizações empoladas” (MICELI, 2001, p. 117).

Na maioria das vezes não é preciso ser grande intelectual para compreender e se envolver nas reflexões promovidas por Elias. Entretanto, a profundidade analítica de suas reflexões força seus leitores a repetirem a leitura de uma mesma passagem diversas vezes. Ele consegue, através de relatos comuns dos atores sociais ou fontes documentais aparentemente pouco reveladoras, produzir profundas reflexões teóricas. Assim, não é difícil ver nas obras de Elias uma profunda capacidade de conjugar perspectivas micro e macrosociológicas, levando-nos, surpreendidos, a perguntar: “como não havia pensado nisto antes?”.

Um exemplo disso pode ser visto em “*Mozart, a sociologia de um gênio*” (ELIAS, 1995)². Nesta obra ele consegue perceber o quanto o gênio da música sofreu influência familiar, sobretudo, paterna, e, ao mesmo tempo, é capaz de fazer conexões destes eventos mais particulares com questões mais gerais que se relacionam diretamente à constituição da sociedade de corte, a história da arte e a formação da ascendente sociedade burguesa. Segundo Pontes (2001), a obra de Elias “[...] é a prova eloqüente de que as dimensões micro e macro, face e contraface de um mesmo processo social, só podem ser entendidas de forma relacional” (p. 35).

As reflexões de Elias, com olhar metodológico apurado e questionamento de métodos mais tradicionais, colocam em cena novas abordagens empíricas e deixam abertas novas problemáticas de pesquisa. Sobretudo no que se refere à forma com que trabalha a noção de *espaço relacional*, mostrando que a constituição da forma em que vivem os seres humanos se dá ao longo do tempo em processos de relações. Como escreve Heinich (2001):

² Ao longo do texto, referido apenas como “*Mozart*”.



Esta é uma reflexão que ele realizou ao longo de toda sua carreira, em todos os seus livros, e em formatos muito heterogêneos, pois eles vão do estudo empírico monográfico à conceitualização sociológica teorizada, passando pela epistemologia das ciências sociais (p. 101).

Deste modo, seu papel na renovação das ciências humanas e, em particular, das ciências sociais “[...] é cada vez mais reconhecida, embora não livre de fortes polêmicas e objeções” (WAIZBORT, 2001, p. 13).

Todas as obras de Elias retornam à questão de que somos formados em relação aos outros e, sobretudo, em relação com os outros. Esta questão permeia sua reflexão sociológica, já que tem como premissa que os seres humanos são interdependentes e devem ser compreendidos nas figurações constitutivas da vida social. Assim, pode-se notar o quanto é fundamental para ele a análise das relações sociais em suas figurações, pois “[...] ele busca as inter-relações e interdependências que lhe permitem, ao fim, trabalhar com um conceito de sociedade que é, de fato, uma rede de relações, um todo relacional” (PONTES, 2001, p. 23) que passa por processos de transformação no fazer histórico. Para Elias (2005) “[...] é provável que nunca compreendamos os problemas da sociologia se não nos conseguirmos ver como pessoas entre outras pessoas, envolvidas em jogos com os outros” (p. 132).

Este ensaio teórico é produto da leitura e análise das principais obras de Elias (1994, 1995, 1997, 1998, 2001a, 2001b, 2001c, 2005, 2006 e ELIAS; JOHN L., 2000) e de diferentes estudos sobre a produção do autor. Todavia, para refletir sobre o pensamento do autor, dada a grande abrangência de sua obra, fez-se necessário a realização de alguns recortes. Ou melhor, para que não nos percamos perante a imensidão temática e analítica desenvolvida pelo sociólogo alemão, escolheu-se discutir três conceitos essenciais concebidos por ele ao longo de sua carreira.

Por isso nos centraremos em questões que consideramos das mais fundamentais. Quais sejam, nos conceitos referentes à *figuração* e *interdependência*, bem como da relação destes com a abordagem da problemática, *indivíduo-sociedade*. Deste modo, embora saibamos o quanto estes conceitos sejam próximos, relacionados e voltados à análise das relações sociais, neste trabalho a reflexão será feita por subdivisões, em três partes, buscando uma compreensão mais esquemática do pensamento eliasiano.

Na primeira parte vamos apresentar uma análise do conceito de configuração. Na sequência será apresentada a noção de interdependência, em que são exploradas potencialidades desse conceito para se pensar como agentes humanos estão imbricados em relações sociais diversas, já que a interdependência não é questão de escolha, mas condição de existência. No penúltimo tópico serão analisadas problemáticas das complexas relações indivíduo-sociedade, central no pensamento de Elias. Por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

2. A constituição da sociedade como (con)figuração

O conceito de figuração ou configuração³ tem como distinção em relação a uma série de outros da teoria sociológica o fato de “incluir expressamente os seres humanos em sua formação”. Ele se diferencia dos conceitos que não atribuem aos grupos humanos as dinâmicas que lhes são peculiares. Pode-se falar de figuração de estrelas, plantas ou outros quaisquer, “[...] mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros” (ELIAS, 2006, p. 25).

A relação dos humanos formando figurações aparece como temática importante nas obras de Norbert Elias. Para ele, o convívio dos humanos – bem ordenado, no caos ou em desintegração – tem uma forma determinada. E é essa forma que o conceito de figuração procura definir, inclusive, levando-se em conta que a figuração pode passar por etapas de pouco ou muito dinamismo. Foge assim da concepção de que “[...] tudo aquilo que muda tem que ser efêmero, menos significativo e, em resumo, menos válido, [...] como proposição quase auto-evidente, reforçada constantemente por um consenso de silêncio” (ELIAS, 2005, p. 124).

O objetivo de Elias (2005) é que o conceito de figuração torne possível resistir à pressão que “[...] sofremos por parte da sociedade e que nos leva a fragmentar e polarizar o nosso conceito de humanidade. Este tem nos impedido, repetidas vezes, de pensarmos as pessoas como sociedades” (p. 141). Neste sentido o conceito serve como um instrumento que tem em “[...] vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagônicos e diferentes” (ELIAS, loc. cit.). O autor assume o suposto de que conceitos genéricos como estrutura, função, organização e cultura não possibilitam “[...] traduzir uma referência a determinadas configurações de pessoas. O mesmo se aplica ao conceito de ‘jogo’, se perdermos de vista o fato do jogo ser um aspecto de uma configuração particular dos jogadores” (Ibidem, p. 143). Cabe salientar que:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários (Ibidem, p. 142).

Elias procura valorizar os processos, os dinamismos, as transformações pelas quais podem passar as figurações que ocorrem de variadas formas e podem se transformar ou não de modo intenso no processo histórico. Para ele, todos os seres humanos, em função da interdependência que possuem uns dos

³ O próprio Norbert Elias utiliza os dois termos em inglês, *figuration* e *configuration* (HEINICH, 2001, p. 122). Também encontramos os dois termos nas traduções para o português. Decorre daí, portanto, a utilização das duas expressões, já que em algumas citações o conceito aparece de uma forma, ora de outra, todavia, com o mesmo significado.

outros, sempre se agrupam em figurações específicas, inicialmente pela ação da natureza e, no desenrolar do processo civilizatório, pela aprendizagem social.

Como disse, as configurações podem ser muito dinâmicas e diferentemente das de outros seres “[...] não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente. Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornar Estados. Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis” (ELIAS, 2006, p. 26). Nas configurações mutáveis, como escreve Elias (2005):

[...] há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração (p. 143).

No conceito de figuração, então, fica inclusa a necessidade de uma análise apurada das relações de poder entre seus integrantes, que podem ser de grupos relativamente pequenos ou de “[...] sociedades constituídas por milhares de pessoas interdependentes” (ELIAS, 2005, p. 143). Sua idéia é de que seres humanos singulares convivem uns com os outros em determinadas configurações que podem passar por transformações. Um dos seres humanos se transforma e as figurações também podem se transformar, e muito embora a transformação de ambos seja inseparável e entrelaçada, são de planos e tipos diferentes.

O ser humano singular pode ter alguma autonomia em relação a determinadas figurações, mas, jamais pode ser autônomo em relação às figurações mais gerais, a não ser em casos extremos, como a loucura. As figurações também podem ter autonomia em relação a determinados indivíduos, porém, jamais em relação aos indivíduos de forma geral (ELIAS, 2006).

As configurações são formadas de indivíduos interdependentes entre si e que fazem negociações e trocas de forma bastante ativa. Destarte, Elias trata a figuração como dinâmica, já que os instrumentos mais convencionais que possuímos para tratar dos grupos humanos, tais como “família” ou “escola” aparecem como “[...] bocados de matéria-objetos tais como as rochas, árvores ou casas” (ELIAS, 2005, p. 14). Em suma, para Elias (2006):

[...] um ser humano singular pode possuir uma liberdade de ação que lhe permita desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isto é possível depende de fato das peculiaridades em questão. As mesmas pessoas podem formar umas com as outras diferentes figurações (os passageiros antes, durante e, possivelmente, depois de um naufrágio; burgueses e nobres antes, durante e depois da Revolução). Inversamente, diferentes seres humanos singulares podem formar figurações similares, com certas variações (família, burocracias, cidades, países)” (p. 27).

As peculiaridades das mais diversas figurações e as possibilidades de transformações das mesmas são constantes nas obras de Norbert Elias. Isso reforça a idéia de que os símbolos são socialmente apreendidos e ressignificados pelos seres humanos, pois a apreensão dos símbolos na configuração dos grupos é fundamental. Assim, “[...] um ser humano adulto, que não teve acesso aos símbolos da língua e de conhecimento de determinado grupo humano permanece fora de todas as figurações humanas e, portanto, não é propriamente um ser humano” (ELIAS, 2006, p. 25).

A forma com que pensamos as configurações é condição básica para a forma com que cada um se concebe na vida social. Isto é, o sentido que cada um tem de si advém das relações sociais de “nós” e de “eles”, ou em outros termos, “[...] no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos como ‘nós’ e ‘eles’” (ELIAS, 2005, p. 139). Os grupos e as pessoas a quem se referem os pronomes mudam ao longo do tempo, e esse processo é uma constante, pois os membros de um grupo “[...] dizem ‘nós’ quando se referem a si mesmo e ‘eles’ quando se referem aos outros, porém, à medida que o tempo passa, podem dizer ‘nós’ ou ‘eles’ referindo-se a diferentes pessoas” (ELIAS, loc. cit.).

Para Elias, deve-se procurar perceber as pessoas em suas relações sociais, uma vez que, se uma investigação se restringir a analisar comportamentos de indivíduos separados terá “[...] apenas um acesso limitado a problemas de estruturas sociais, de configurações mutáveis de pessoas, de distribuição de poder ou de equilíbrio de tensões nas configurações, ou a muitas outras questões especificamente sociológicas” (ELIAS, 2005, p. 144). Percebe-se que a preocupação de Elias não é por parâmetros numéricos, mas pela análise de comportamentos, práticas e discursos constitutivos da vida social. Sua suposição, em vista disso, é de que “[...] grupos minoritários podem ter uma significação sociológica que ultrapassa em muito sua importância quantitativa” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 119).

Entretanto, não queremos dizer que os dados estatísticos estejam à margem das análises eliasianas, já que ele mesmo afirma que “[...] a estrutura teórica de uma sociologia de configurações e do desenvolvimento deixa naturalmente um espaço para os inqueritos estatísticos” (ELIAS, 2005, p. 144). Sua ressalva, todavia, é o fato de que atualmente as exigências estatísticas acabam ditando a maneira como os cientistas sociais colocam suas questões. Como analisa, “[...]. Frequentemente, o tipo de estatística apenas se presta à investigação do comportamento de muitos indivíduos separados, imaginando-os como sendo absolutamente independentes uns dos outros” (ELIAS, 2005, p. 144).

Isto posto, as obras de Norbert Elias perpassam sempre a idéia da necessidade de se entender a vida social a partir das relações sociais que constituem determinadas figurações sem tanta necessidade da legitimação estatística. Estas podem se formar entre grupos de “Estabelecidos⁴ e Outsiders” (ELIAS; SCOTSON, 2000), numa “Sociedade de Corte” (ELIAS, 2001a) e

⁴ Tomada, ao longo do texto, apenas como “Estabelecidos e Outsiders”.



também envolver mais densamente relações familiares como no caso “Mozart” (ELIAS, 1995), entre outros. O uso de figuração como instrumento de análise é importante, na sociologia eliasiana, tanto para se pensar pequenos como grandes grupos em suas peculiaridades relacionais, quanto para refletir sobre o próprio grupo em relação a outros.

Um exemplo típico que precisa ser ressaltado como importante para entender figuração diz respeito à obra, “*Estabelecidos e Outsiders: sociologia de poder a partir de uma pequena comunidade*” (ELIAS; SCOTSON, 2000). Nesta, analisando um pequeno povoado de uma cidade interiorana da Inglaterra, Elias desenvolveu um estudo que se tornou uma das referências mais importantes para a compreensão das relações sociais de poder.

Seu estudo revelou que as crianças nascidas na parte mais antiga de Winston Parva (nome do local estudado por Norbert Elias) recebiam de seus antepassados um bom número de histórias negativas a respeito dos moradores mais novos do bairro, o que as levava, até certo ponto a reproduzir o estigma. Muitos poderiam não ter vivenciado nenhum dos “problemas” contados pelos moradores mais antigos. Entretanto agiam como se tivessem vivido aquelas histórias quando diziam “quando nós chegamos aqui”, apesar de ainda serem adolescentes e terem acompanhado a história do bairro por um curto período de tempo.

Elias e Scotson (2000) perceberam, a partir da observação da figuração que os dois grupos formavam entre si, a possibilidade do grupo mais antigo (estabelecido) afixar no grupo “outsider” o rótulo de sub-humanidade, considerando seus membros como inferiores. Para os autores, então, “[...] fazia-se necessária uma abordagem figuracional” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23). Eles se recusavam a enveredar na pesquisa com conceitos genéricos, já que a forma a partir da qual se dá a formação de um determinado grupo “[...] só pode ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos dois (ou mais) grupos implicados ou, em outras palavras, a natureza de sua interdependência” (ELIAS; SCOTSON, loc. cit.).

O pensamento eliasiano procura fugir da construção de relação estática. No estudo da relação estabelecidos-outsiders, por exemplo, um fator importante na formação da figuração é o fato de que o conhecimento é transferido de uma geração a outra. Desse modo, sendo as figurações relacionadas a este caráter de transmissão do conhecimento, não resta dúvidas de que “[...] as normas não se fixam biologicamente” (ELIAS, 2005, p. 147). Portanto, são as pessoas em relação umas com as outras que constroem e reconstroem as figurações da qual fazem parte.

Para Elias e Scotson (2000), “[...] o ideal da racionalidade na condução das questões humanas continua a barrar o acesso à estrutura e à dinâmica das figurações estabelecidos-outsiders” (p. 36-37). Os autores ressaltam a necessidade de se pensar no dinamismo dos processos sociais e sempre deixam espaços para se refletir nas possibilidades de mudanças no cenário de Winston Parva, já que as novas gerações poderiam produzir novas figurações e

socializações que permitiriam tais mudanças, o que, considerando o processo de transmissão geracional, poderiam modificar todo o cenário encontrado.

Para Elias e Scotson (2000, p.57), deste modo, a única maneira possível de se compreender as figurações é estudando os indivíduos como grupos, ou, a configuração dos indivíduos como tais. Em outras palavras, os autores estranham:

[...] a idéia de que os indivíduos devem ser primeiramente estudados como elementos isolados e de que as configurações que eles compõem entre si derivam do que são elas; tal idéia confunde profundamente as pesquisas sobre tais configurações (ELIAS; SCOTSON, loc. cit.).

Na obra "*Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*" (ELIAS, 2001a)⁵, a noção de figuração aparece também como tema central, pois, para Elias, "[...] uma corte é uma figuração de indivíduos" (p. 155). Elias argumenta que uma das questões fundamentais para a análise da sociedade de corte é entender como uma figuração de homens interdependentes, constituída por uma família ou um representante, foi capaz de governar milhares de pessoas por um longínquo período de tempo, buscando, entre outras coisas, compreender como se instituiu tal figuração, como se tornou possível e necessária.

Assim, a dinâmica social deve ser investigada levando-se conta as figurações dos homens interdependentes, pois a sociedade de corte não pode ser considerada "[...] um fenômeno existente fora dos indivíduos que a constituem; os indivíduos que a constituem, seja o rei ou o camareiro, não existem fora da sociedade que formam em sua convivência mútua" (ELIAS, 2001a, p. 43). Assim, as pessoas são ligadas por interdependências mútuas que acabam por se constituírem em figurações específicas. Problematizar essas figurações seria, para Elias, uma das principais tarefas da sociologia.

Para Elias (2006), Weber teria tentado resolver esta questão central criando o conceito de *tipo ideal*, investindo na noção de que as figurações existem como abstrações idealizadas de aglomerados menos ordenados de agentes individuais e não "[...] percebia que as figurações que os seres humanos formam uns com os outros são tão reais quanto cada um desses seres humanos" (p. 27). Durkheim teria visto a realidade das figurações, mas, enxergando-as como exteriores aos seres humanos singulares, ou, "[...] quando muito, apenas mediante o conceito de interpenetração de indivíduo e sociedade, que indica claramente a aceitação de uma existência separada dos dois planos da existência humana" (ELIAS; loc. cit.). Elias, apesar de todo respeito que mostra pela obra de Marx, rejeita a pressuposição elaborada por ele de que exista uma causalidade baseada no primado econômico em relação às demais instâncias inter-relacionadas da vida social. O autor ressalta que, para a compreensão das relações de poder, nem sempre é a questão econômica o fator principal a ser observado. As relações de poder devem ser compreendidas nas figurações.

⁵ Daqui em diante, referida apenas como "*Sociedade de Corte*".



Para Elias, por conseguinte, quando se fala de figurações que os indivíduos formam uns com os outros, dispõe-se de um conceito mais adequado à realidade. Além disso, o sociólogo alemão quer dar novos horizontes à sociologia. Quer dizer, ao tratar da necessidade de se analisar os grupos de pessoas, pequenos ou grandes como figuração, Elias quer evitar um impasse da sociologia, qual seja: “[...] ‘aqui o indivíduo, ali a sociedade’, dilema que se baseia na verdade em um jogo, de tipo extracientífico, com palavras ou com valores” (ELIAS, 2006, p. 27). Essa perspectiva de pensar separadamente indivíduo e sociedade não considera efetivamente que os seres humanos vivem em relações de interdependência, conceito que vamos apresentar no próximo tópico.

3. Interdependência

Norbert Elias enfoca que somos interdependentes uns dos outros e, apesar disso, esquecemos, muitas vezes, que a luta que cada um tem pela própria satisfação é orientada, desde o início, para os outros. Como escreve, “[...]. Nem a própria satisfação deriva inteiramente do nosso corpo – também está muito dependente dos outros. Esta é, na verdade, uma das interdependências universais que ligam as pessoas” (ELIAS, 2005, p. 48).

Para Elias (2005) nunca se perdeu “[...] a profunda necessidade emocional que cada ser humano tem relativamente aos outros da sua espécie” (p. 149), sendo a sexualidade uma manifestação desta necessidade, pois mesmo estando presentes determinados instintos biológicos, eles podem ser modificados pela aprendizagem no desenrolar da vida social. Por exemplo, o ato sexual – que não pode ser considerado “[...] apenas relevante para o ‘indivíduo’ e não para a ‘sociedade’ e à qual, conseqüentemente, não se dá atenção no estudo da sociologia” (ELIAS, 2005, p. 150) – é *bom para pensar sobre o quanto conseguimos “controlar” os instintos biológicos.*

Elias é, então, enfático na concepção de que as dependências recíprocas jamais são as mesmas nos vários estágios de desenvolvimento das sociedades, já que as interdependências mudam à medida que as sociedades se tornam mais diversificadas e estratificadas (ELIAS, 2005). Pode-se recorrer ao exemplo utilizado no “Processo Civilizador” (ELIAS, 2001a) para pensarmos nesta questão.

As estradas, para Elias, representam ligações de interdependência já que servem de ligação entre os diversos seres humanos. As estradas de sociedades humanas, mais ou menos diferenciadas, tinham pouca circulação e exigiam daqueles que nelas trafegavam certo preparo para algum ataque contra guerreiros e bandidos. Isto porque, a preocupação de que um ataque armado pudesse acontecer era uma constante em toda a viagem.

Nas sociedades mais diferenciadas o condicionamento exigido ao aparelho psíquico é outro, já que um ataque como o descrito anteriormente é mais raro, ao passo que o risco de acidentes envolvendo automóveis, pedestres e bicicletas é mais elevado em decorrência da maior concentração de pessoas

num mesmo espaço. Neste caso, todos dependem de que outros regulem seus comportamentos para que a circulação de pessoas nos grandes centros se torne possível. Ou seja, neste caso, dependemos uns dos outros para, por exemplo, caminhar pelas ruas.

Nossas vidas estão ligadas e entranhadas nas dos outros de tal modo que a morte de um ente querido pode significar para o indivíduo a perda de “uma parte de si mesmo”. Assim, para Elias (2005, p.149) a morte da pessoa próxima pode significar uma transformação efetiva em “suas valências de afeição ou de independência”, pois, uma dessas valências se fixou na outra pessoa e, agora, essa pessoa faleceu. Isto é, foi destruída uma parte integrante do seu eu, a sua imagem de ‘eu e nós’.

Como a valência afeiçoada ao outro foi destruída, houve uma alteração da configuração particular das valências e uma mudança consistente do equilíbrio das teias de relações pessoais (ELIAS, 2005, p. 149). Daí ser de fundamental importância considerar que as interdependências vão além daquelas consideradas interpessoais, mas são também emocionais “[...] considerando-as como agentes unificadores de toda a sociedade” (Ibidem, p. 150). Essa compreensão levaria a uma visão mais completa e real por parte da teoria sociológica.

Elias, em “*Introdução à sociologia*” (2005), fornece algumas pistas para a realização da investigação sociológica tendo como referência o estudo das relações interpessoais. Ele afirma ser “[...] essencial voltarmos à teia de relações sociais dessa pessoa isolada, para ver como é que ela aparece do seu ponto de vista – como ela é sentida do ponto de vista da perspectiva do ‘eu’” (ELIAS, 2005, p.150). Esta seria a forma de tornar possível “[...] compreender toda uma cadeia de interdependências mais alargadas, baseadas em ligações pessoais emocionais” (ELIAS; loc. cit.).

Em grupos sociais pequenos, a teia de relações sociais de cada pessoa pode vir a incluir todas as outras. Mas à medida que as unidades sociais se tornam maiores e mais estratificadas, constituem-se novas formas de ligação emocional, já que mudam as relações interpessoais e de interdependência. Com isso “[...] encontrar-se-ão ligações unindo as pessoas a símbolos de unidades maiores, unindo-as, por exemplo, a cotas de armas, a bandeiras e a conceitos carregados de aspectos emotivos” (ELIAS, 2005, p.151).

As pessoas ligam-se entre si por meio de símbolos e esse fato não é menos significativo do que as ligações construídas face a face. Destarte, “[...]. As valências emocionais que unem as pessoas, quer diretamente por meio de relações face a face, quer indiretamente pela sua ligação a símbolos comuns, constituem um nível a parte de ligações” (ELIAS, 2005, p.151). Estas valências ressaltam a consciência alargada do “eu e nós”, indispensável tanto em pequenas quanto em grandes unidades sociais (Ibidem).

Neste sentido, Elias (2005) chama atenção para o fato de que a afeição das pessoas pelas “[...] grandes unidades sociais é muitas vezes tão intensa como a sua afeição pela pessoa amada” (p. 151). O indivíduo que formou este

tipo de ligação à unidade maior “[...] será tão profundamente afetado quanto esta unidade social, à qual está afetivamente ligado, for conquistada ou destruída, depreciada ou humilhada, como quando morre alguém amado” (ELIAS; loc. cit.). Assim, mais uma vez Elias rompe com a concepção de uma diferenciação alargada entre micro e macro-análise. Sua noção de interdependência, logo, se aplica tanto para níveis de relações pessoais, como ajuda a pensar os Estados nacionais.

Elias (2005) cita como exemplos empíricos de interdependência questões relativas aos pronomes pessoais, afirmando não existir ‘eu’ sem ‘tu’, ‘ele’ ou ‘ela’ sem ‘nós’, ‘vós’, ‘eles’ ou ‘elas’, sendo suas aplicações dependentes de processos de interdependência. Explicita também a forma com que o poder de Luís XIV estava imerso numa gigantesca rede humana de interdependência (ELIAS, 2001a).

A ideia de interdependência aparece também nos “*Estabelecidos e Outsiders*” (ELIAS; SCOTSON, 2000), mostrando como esta pode se fazer útil na análise de processos de estigmatização e construção de desigualdade de poder entre grupos distintos. Assim, na pequena comunidade de Winston Parva se pode observar como “[...] membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.19).

O estudo de Winston Parva também proporcionou a visualização de como “[...] a estrutura familiar encontrada num determinado bairro era dependente da estrutura do bairro em que as famílias moravam” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 86). Assim, é necessário falar de uma estrutura familiar se referindo “[...] à estrutura das relações entre as famílias – à estrutura da vizinhança” (Ibidem, p. 87). Dessa forma, é necessário compreender uma comunidade pela configuração dos indivíduos e grupos que a compõem nas suas relações de interdependência.

As relações de interdependência estabelecem entre os vizinhos dos diversos lares, bem como nas relações dentro das diversas famílias, a constituição das figuras sociais. Este modelo de interdependência pensado para Winston Parva pode ser útil para uma série de outros espaços constitutivos da vida social. Na verdade esta configuração pode ser destacada “[...] como um modelo geral, uma matriz das configurações deste tipo. Concebida desta forma, ela pode ser cotejada com outras configurações similares” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 168). Muitas vezes também as ações não são calculadas. No caso de Winston Parva, por exemplo, Elias e Scotson (2000) acreditam que:

[...] os dois lados agiram sem refletir muito, de um modo que seria previsível. Simplesmente por se tornarem interdependentes como vizinhos, eles foram colocados numa posição antagônica, sem entender muito bem o que lhes estava acontecendo e, com toda certeza, sem que tivesse culpa disso (p.173).

De toda maneira, na análise dos autores, “[...] nenhum desses grupos poderia ter-se transformado no que era independentemente do outro. Eles só

puderam encaixar-se nos papéis de estabelecidos e outsiders por serem interdependentes” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 181).

Pensar as interdependências é uma função que Norbert Elias se atribuiu em todas as suas obras. O autor considera inclusive que a sociologia tem o dever de se debruçar sobre tal temática, já que para ele a humanidade é formada por conjuntos de seres humanos em figurações específicas, onde os constituintes das mesmas vivem em relação de interdependência. Conseqüentemente, está aí a impossibilidade de pensar o processo histórico sem atenção às transformações nos processos de interdependência.

Na análise de Elias (2001a) sobre a Sociedade de Corte o tema central é como a figuração de homens interdependentes tornava possível a um grupo pequeno de pessoas governar milhares de outras. Para o sociólogo essa problemática se resolveria com uma análise consistente da figuração de homens interdependentes– o que também poderia ser pensado para esclarecimento de outros problemas sociológicos acerca da dinâmica social.

O conceito de interdependência é central porque as interdependências humanas e dos valores “[...] restringe[m] a possibilidade de que um homem singular cresça sem que os juízos de valor da sociedade venham fazer parte de seu próprio ser” (ELIAS, 2001a, p. 94). No caso da Sociedade de Corte, por exemplo, “[...] cada indivíduo dentro da rede de interdependência tendia, em função do prestígio, a vigiar cada passo prescrito aos outros e sua pontualidade. Assim, no âmbito de tal figuração, cada um controlava automaticamente os outros (Ibidem, p. 145).

Para Elias (2001a), a temática da interdependência não pode ser abandonada nem quando se pensa em um soberano com poder absoluto, como Luís XIV, que, pelo poder que possuía, poderia nos levar a pensar que possuía suas ações baseadas na decisão livre. Entretanto, as análises do autor demonstram outro fato. O soberano dependia da obediência e admiração de seus súditos. Apesar de todo seu gradiente de poder acumulado, ainda sim, era bastante dependente daqueles com poder diminuto. Em outras palavras, o soberano estava imerso em relação de interdependências com seus súditos, constituindo figuração típica da sociedade de seu tempo. Assim, a continuidade de Luís XI como homem de poder é dependente da capacidade de lidar com aqueles que estão imersos em sua rede de interdependência. Para Elias (2001a, p.157):

É isto que expressa o conceito de interdependência: como em um jogo de xadrez, cada ação decidida de maneira relativamente independente por um indivíduo representa um movimento no tabuleiro social, jogada que por sua vez acarreta um movimento de outro indivíduo – ou, na realidade, de muitos outros indivíduos –, limitando a autonomia do primeiro e demonstrando sua dependência.

Elias acredita tanto na necessidade de pensar a humanidade enquanto configurações e redes de interdependência que para ele “[...] é possível determinar as estruturas de um sistema de dominação como figuração de

indivíduos interdependentes, quase com o mesmo rigor de um cientista ao determinar a estrutura de uma molécula específica” (ELIAS, 2001a, p. 133).

Por fim, as transformações na “balança” de redes de interdependências são importantes para pensarmos nas questões que se referem ao processo histórico, já que a partir de um determinado estágio de desenvolvimento, de uma determinada duração, densidade e solidez das redes de interdependências, altera-se, de um modo específico, o tipo das coerções que os homens estabelecem entre si (ELIAS, 2001a, p. 225).

Para Elias, a crescente interdependência dos setores da humanidade intensificou as lutas e conflitos sociais. E como refletem Elias e Scotson (2000), ainda não se aprendeu muito sobre a lição de que “[...] num mundo cada vez mais interdependente, a dominação de um setor da humanidade sobre os outros está fadada a ter um efeito de bumerangue” (p. 34). Assim, estaríamos em relações intensas, em que ser interdependente não é questão de escolha, mas, fundamental para a continuidade de nossa existência.

Até aqui, concentramo-nos nas questões que se referem ao fato de que as pessoas vivem em figurações específicas e em relações de interdependência, temas que, necessariamente, levam-nos a questionar a forma com que Elias trabalhou a relação indivíduo-sociedade.

4. Indivíduo-sociedade

Para o sociólogo, a relação indivíduo-sociedade é um dos aspectos mais problemáticos das teorias mais tradicionais da sociologia e uma das maiores lacunas das teorias contemporâneas, já que nas pesquisas se investiga as perspectivas sociais do “eles”, contudo, “[...] quase não se servindo de instrumentos conceituais rigorosos para investigar a perspectiva de ‘eu e nós’” (ELIAS, 2005, p. 151).

Em diversas de suas obras, Norbert Elias ressaltou o fato de que as teorias sociológicas não resolveram o problema da relação indivíduo-sociedade. Para ele, as reflexões se situam em dois pólos opostos que contribuem pouco para elucidar essa relação. De um lado, ressalta-se que uma criança se torna um indivíduo humano a partir de sua integração em determinadas figurações, tais como família, escola, dentre outros. De outro, salienta-se o fato do indivíduo poder se apropriar e reelaborar patrimônios simbólicos sociais.

De acordo com esta forma de pensar “[...] parece evidente que o ‘eu’ ou ‘os indivíduos particulares’ estão de um lado, havendo do outro lado estrutura social, o ‘meio ambiente’ que me rodeia, a mim e aos outros ‘eus’” (ELIAS, 2005, p. 16). Assim sendo, corre-se o risco de cair em uma perigosa oposição teórica de se tomar como referência “[...] um indivíduo a-social, portanto, como agente que existe por si mesmo; e o perigo de postular um ‘sistema’, um ‘todo’, em suma, uma sociedade humana que existiria para além do ser humano singular, para além dos indivíduos” (ELIAS, 2005, p. 26).

Dito isso, para Elias, “[...]. *Socialização e individualização* de um ser humano são, portanto, nomes diferentes para o mesmo processo. Cada ser humano assemelha-se aos outros e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros” (ELIAS, 2005, p. 26). Ainda, “[...] a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e [...] os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível” (Ibidem, p. 15). Logo, separar indivíduo e sociedade é operar por um procedimento reificante. Isto é, “[...] a maneira corrente de formarmos as palavras e os conceitos reforça a tendência do nosso pensamento para reificar e desumanizar as estruturas sociais” (Ibidem, p. 16).

Neste sentido, Elias ressalta que falamos do “[...] indivíduo e do seu meio, [...] do indivíduo e da sociedade ou do sujeito e do objecto, sem termos claramente presente que o indivíduo faz parte do seu ambiente, da sua família, da sua sociedade” (ELIAS, 2005, p. 13). Tendo isso em vista, o que se nota é que “[...] a sociedade [que] é muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo, é inteiramente formada por indivíduos, sendo nós próprios um ser entre os outros” (ELIAS; loc. cit.).

A dependência do “eu” em relação ao “nós”, ou melhor dizendo, a interdependência do “eu” e do “nós” pode ser pensada para todos os tipos de vivências sociais – como aprendemos a andar, a falar, a comer, a beber e realizar tudo aquilo que a vida em sociedade nos exige. Assim, a forma com que vivemos, a nossa consciência moral, o controle dos impulsos e dos afetos depende do processo civilizacional em que estamos inseridos. Em outros termos, a “[...] liberdade de escolha entre funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que [...] [se] nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe” (ELIAS, 1994, p. 21).

Apesar de toda essa formação coletiva que de certa forma “age” sobre o indivíduo, a individualidade “[...] de nenhum tipo de sociedade estará completamente ausente. Até a função social do escravo deixa algum espaço, por estreito que seja, para as decisões individuais” (ELIAS, 1994, p. 49). A margem individual é “[...] sempre limitada, mas é também muito variável em sua natureza e extensão, dependendo dos instrumentos de poder controlados por uma dada pessoa” (Ibidem, p. 51). Com isso, “[...] a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (Ibidem, p. 45).

Elias, procurando ilustrar melhor suas idéias, usa imagens do cotidiano. Por exemplo, afirmando que as relações entre as pessoas podem ser imaginadas como aquela que existe entre bolas de sinuca, que batem e rolam para rumos diferentes, mas, diferentemente, “[...] a interação entre as pessoas e os ‘fenômenos reticulares’ que elas produzem são essencialmente diferentes das interações puramente somatórias das substâncias físicas” (ELIAS, 1994, p. 29). As relações humanas não podem ser “[...] satisfatoriamente representado[as] nem pelo modelo físico da ação e reação das bolas nem pelo modelo fisiológico da relação entre estímulo e reação. As idéias de cada um dos parceiros podem

mudar ao longo da conversa” (ELIAS; loc. cit.). Enfim, Elias afirma a necessidade não se conceber as relações que se estabelecem como tão facilmente previsíveis quanto nos eventos físicos.

Neste sentido, Elias reforça que só podemos ter uma compreensão mais clara da relação indivíduo-sociedade quando pensamos no crescimento perpétuo do indivíduo na sociedade e no processo de individualização na teoria da sociedade, pois,

[...] a historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é a “sociedade”. A sociabilidade inerente aos seres humanos só se evidencia quando se tem presente o que significam as relações com outras pessoas para a criança pequena (ELIAS, 1994, p. 30).

Isto posto,

[...] a visão, hoje muito difundida, de que um indivíduo mentalmente sadio pode tornar-se totalmente independente da opinião do “nós” [*we-group*] e, nesse sentido, ser absolutamente autônomo, é tão enganoso quanto a visão inversa, que reza que sua autonomia pode desaparecer por completo numa coletividade de robôs (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 40).

Enfim, as condutas individuais estão vinculadas à vida coletiva. E a maneira de conceber o indivíduo como completamente independente, trata-se de uma ideia central na ideologia burguesa na contemporaneidade. Nas palavras do autor,

A idéia do indivíduo totalmente independente, do homem absolutamente autônomo e, portanto absolutamente livre, constitui o núcleo de uma ideologia burguesa que ocupa um lugar preciso no leque das doutrinas sociais e políticas contemporâneas (ELIAS, 2001b, p. 151).

As condutas estabelecidas na relação dos indivíduos uns com os outros, bem como, indiretamente, no suceder das gerações ao longo do tempo fazem parte do coletivo. Isso fica evidente nas análises de “*Estabelecidos e Outsiders*” (ELIAS; SCOTSON, 2000), quando os pais transmitiam aos filhos o orgulho de ser um “estabelecido” ou a vergonha de ser “inferior”. Neste caso, o elo que unia as cadeias das gerações se consolidara como fator importante na constituição da vida social, fazendo com que os traços de personalidades pudessem se reproduzir ao longo do tempo.

Como questão metodológica, há uma valorização da compreensão das relações sociais. Por exemplo, no contexto da pequena comunidade de Winston Parva “[...] as inferências feitas unicamente a partir da análise estatística das entrevistas seriam de valor limitado, sem o conhecimento adquirido por meio de uma investigação sistemática, feita por um observador participante devidamente preparado” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 55). Elias ressalta o perigo de se pensar

as sociedades como “[...] amontoados de pessoas, como ‘populações estatísticas’, desviando a atenção das configurações específicas que as pessoas formam entre si – das estruturas sociais específicas” (Ibidem, p. 54). Enfim, junto com Scotson, analisa:

É fácil perceber que os pressupostos teóricos que implicam a existência de indivíduos ou atos individuais sem a sociedade são tão fictícios quanto outros que implicam a existência de sociedades sem os indivíduos. O fato de sermos apanhados na armadilha de uma polaridade conceitual irreal como essa – de sermos repetidamente tentados a falar e a pensar como se só fosse possível escapar de postular indivíduos sem sociedade postulando sociedades sem indivíduos – não pode ser contornado pela simples afirmação de que sabemos que essa polaridade é fictícia (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 183).

Numa entrevista, Elias aponta que ao se analisar “[...] problemas humanos, deve-se sempre partir dos homens, e não *do* homem tomado em sua individualidade. [...] partir da pluralidade humana, de grupos humanos, de sociedades constituídas por um grande número de indivíduos” (ELIAS, 2001b, p. 110). Para ele, na pesquisa sociológica, é necessário retirar o indivíduo do “[...] isolamento em seu pensamento e ao mesmo tempo de integrá-lo em um modelo conceitual que inscreve o indivíduo na cadeia das gerações, em uma sucessão, constitui sempre, a meu ver, uma das missões centrais da sociologia” (Ibidem, p. 111).

A temática também aparece em outro momento, quando Elias é questionado se o fato de o trabalho ter se tornado tão importante para ele teria sido resultado de opção pessoal. A resposta foi “[...] nunca acho que se possa dizer que determinada atividade seja resultado de uma opção pessoal” (ELIAS, 2001b, p. 11). Assim, em sua reação à pergunta lançada sobre suas escolhas, o autor reforça os principais pressupostos de que vivemos em figurações, que somos interdependentes. Sua fala a respeito de si é reflexo de sua teoria. Como acredita:

[...] ao estudar a humanidade, é possível fazer incidir um feixe de luz primeiro sobre as pessoas singulares e depois sobre as configurações formadas por muitas pessoas separadas. Mesmo assim, a compreensão de cada um dos níveis será afetada, a não ser que ambos os aspectos sejam constantemente considerados. A utilização que hoje fazemos destes conceitos poderia levar-nos a acreditar que o “indivíduo” e a “sociedade” denotam dois objetos que existem independentemente, enquanto, na verdade, se referem a dois níveis diferentes, mas inseparáveis do mundo humano (ELIAS, 2005, p. 141).

Para Elias (2001c) a auto-imagem de uma pessoa como ser plenamente autônomo pode refletir sentimentos concretos de solidão e isolamento emocional. Para ele, essas tendências “[...] são bastante características da estrutura de personalidade específica das pessoas de nossa época em

sociedades altamente desenvolvidas e do tipo particular de individualização que nelas prevalece” (Elias, 2001c, p. 66). Mas, “[...] quer se queira ou não, um indivíduo é sempre membro de grupos” (ELIAS, 1997, p. 28). Complementando, o autor afirma que “[...] o tempo dos calendários ilustra com simplicidade essa pertença do indivíduo a um universo onde existe uma profusão de outros seres humanos, ou seja, uma realidade social, e múltiplos processos físicos, ou seja, um mundo natural” (ELIAS, 1998, p. 26).

5. Considerações finais

À guisa de considerações finais, neste ensaio teórico explicitamos algumas concepções que consideramos fundamentais para se compreender o pensamento de Norbert Elias. A idéia de compartimentar os conceitos e as perspectivas do autor teve como objetivo tornar o texto mais inteligível, uma vez que os conceitos de *figuração* e *interdependência* são extremamente conexos. Assim, só podemos perceber a existência de figurações quando estamos atentos para as relações de interdependência, com atenção especial à relação *indivíduo-sociedade*. Enfim, para Elias, compreender estas idéias é condição *sine qua non* para a constituição de uma sociologia qualificada, capaz de dar conta dos mais diversos cenários constituídos no desenrolar do processo histórico.

Para Elias as pessoas constituem teias de interdependência e figurações de vários tipos que precisam ser vistas em suas relações de uma forma mais real, de modo a que se perceba que as inclinações das pessoas estão voltadas umas para as outras e orientadas umas às outras, das mais diversas maneiras. Isto, sem que se conceber tais relações a partir de uma visão de interação “física”, *i. e.*, de maneira previsível, não circunscrita a uma relação dinâmica entre indivíduo-sociedade.

Isso nos leva a reflexões mais gerais que nos permitem concluir que os seres humanos só podem ser compreendidos enquanto seres interdependentes entre si, dentro de determinadas figurações que são construídas, transformadas ou modificadas de acordo com as relações que seus constituintes estabelecem entre si. Neste caso, as diferentes figurações possuem dinâmicas próprias, em que intenções, desejos e buscas individuais fazem parte do cenário, porém, são insuficientes para a compreensão do todo.

Assim, as concepções de Elias enfatizam ser preciso refletir melhor sobre forças sociais que são exercidas pelas pessoas sobre outras e sobre elas mesmas. Dessa forma, Elias (2005) procura ressaltar o fato de que, na sociologia, não se deve pensar em algo extra-humano agindo sobre as pessoas, mas sim numa relação entre pessoas que agem de forma interativa, sempre reforçando a noção de que é necessário fugir à herança das ciências naturais, que procuravam conhecer as “leis” da natureza.

Segundo Elias, algumas formas atuais de análise sociológica procuram separar coisas inter-relacionadas. Como, por exemplo, o indivíduo de um lado e a sociedade de outro. Para o autor, todavia, é preciso pensar nas

peculiaridades das figurações e das relações sociais como ponto de partida para a compreensão do conjunto social que será analisado. Ele acredita que muitas teorias e modos de pensar distorcem a realidade por tentar enquadrá-la em conceitos mais hegemônicos, genéricos. É por isso que Elias, “[...] ao atentar para a força do uso de categorias ‘científicas’ como legitimação de hegemonias culturais, abre um enorme campo de reflexão com conseqüências talvez insuspeitadas para o conhecimento de nossa singularidade cultural” (SOUZA, 2001, p. 88).

Por fim, Elias construiu categorias analíticas trabalhando com cenários específicos que têm capacidade profunda de nos ajudar a pensar a vida social de forma mais ampla. Certamente conceitos como “estabelecido”, “outsider”, “interdependência”, “figuração” dentre outros são capazes de nos ajudar concretamente na análise de diversos objetos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a. Título original: die höfische gesellschaft. untersuchungen zur soziologie des königtums und der höfischen aristokratie.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Título original: Die Gesellschaft der Individuen.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de “envelhecer e morrer”**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2001c.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios 1**: Estado, processo, opinião pública. Tradução textos em inglês Sérgio Benevides; textos em alemão Antonio Carlos dos Santos; textos em holandês João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Edições 70, 2005. Título original: Was ist Soziologie?

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Tradução Sérgio Goés de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. Título original: Mozart, zur Sociologie eines Genies.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b. Título original: Norbert Elias über sich selbst.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. Título original: Studien über die Deutschen. Machtkämpfe und Habitusentwicklung im 19. und 20. Jahrhundert.



ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Título original: Uber Die Zeit.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John I. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro; Tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Título original: The established and the outsiders. A sociological enquiry into community problems.

HEINICH, Nathalie. **A Sociologia de Norbert Elias**. Tradução de Viviane Ribeiro. Baurú, SP: EDUSC, 2001.

MICELI, Sérgio. Norbert Elias e a questão da determinação. In: WAIZBORT, Leopoldo (org.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PONTES, Heloísa. Elias, renovador da ciência social. In: WAIZBORT, Leopoldo (org.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Recebido em: 03 de março de 2021.
Aceito em: 02 de junho de 2021.
Publicado em: 30 de junho.

